

LUMINESCÊNCIA OU O DIA SEGUINTE À TRAGÉDIA DE ANTÍGONA

Lourdes Rodrigues

Gritos ecoavam pelo palácio, urros de animal ferido a se debater enjaulado.

Ninguém se aproximava.

A cidade inteira cerrara as suas portas. Silentes, os habitantes ouviam o clamor do tirano a suplicar em vão pelo socorro da morte. Não, não era um silenciar compassivo, circunspeto. Era o silêncio travoso dos que têm medo. O tirano, ferido mortal e cruelmente, ainda rugia rugido que estremecia a terra sob os pés do tebano, e aquele tremor subia-lhe as escadas da coluna vertebral, alojava-se no cérebro, freava sua língua.

O rei ainda era temido.

Mas Creonte Menécio estava destroçado pelo remorso. Eurídice, a esposa dedicada, matara-se num altar de louvor a Zeus,

amaldiçoando-o pelo assassinato dos próprios filhos. Da vergonha pelos erros que destruíram a sua família, ele mergulhara no desespero e, vergado pela dor, pedia aos deuses para não lhe deixarem ver a luz do sol.

E os deuses ressentidos com o homem que ousara ser a própria lei, ignorando compromissos divinos e de família para impor identidade absoluta entre a sua vontade e o bem do Estado, lançaram nuvens tão densas e pesadas que enegreceram por completo os céus de Tebas naquela noite.

E em meio à escuridão, a luminescência dos vaga-lumes surgiu quebrando as trevas que se abateram sobre a cidade. Primeiro numa porta, depois na outra, e mais na outra, e em outras, e em todas as outras portas, centelhas se multiplicavam enquanto ruídos de ferrolhos sendo fechados se ouviam por trás dos fochos de luz. De forma harmônica as fagulhas iniciaram movimentos deslizantes em direção às ruas, luzindo caminhos por onde passavam.

Eram as tebanas, vestidas de negro, cobertas por longos e sombrios véus que não escondiam as marcas de sangue, dos

sulcos feitos pelas próprias mãos em suas faces, andando em cortejo, carregando tochas para alumiar passagem.

Trajetos impregnados do cheiro de cadáver, de podridão que o vento frio da noite ajudava a espalhar. Durante dias, aquele odor invadira a cidade, entrando nas casas, nos templos, entranhando-se nas vestes das pessoas que cerravam as pálpebras, prendiam a respiração, fingindo indiferença ao aroma nauseante.

Os vaga-lumes, em gesto escandaloso diante das cortinas de putrefação, cobriam o nariz com véus denunciadores e continuavam a marcha.

A guarda palaciana, ao divisar luzes tremeluzindo em direção ao palácio, tornou-se inquieta. E quanto mais olhava tentando encontrar o fim daquela procissão, mais ela se alongava, e alongava, e tendia para o infinito. Ao voltar as vistas para o começo da fila, descobriu horrorizada que subia os degraus do palácio e estava prestes a passar à sua frente. Tentou opor resistência, recuou assustada. Dezenas, centenas de mulheres passaram de olhar fixo no interior de uma sala imensa, apagaram as tochas no umbral, e adentraram no Salão dos Mortos carregando oferendas funéreas para derramar.

O cheiro era de flores, embora não houvesse uma só delas ali.

E deram início às libações, aspergindo o líquido sagrado em Eurídice e seus filhos, localizados próximos à entrada. Sem se deterem, mais adiante, no centro do salão, repetiram o ritual naquele que, para não deixar de ser rei, enfrentou uma guerra fratricida em que ele e o irmão mataram-se mutuamente, poluindo ainda mais o solo tebano, carregando-o de miasmas. O tirano determinara honras marciais dedicadas aos mortos mais ilustres para ele.

Elas não estavam ali para cumprir ordens insensatas.

As cadméias buscavam outros féretros para as suas honrarias: os daqueles para quem o Edito, o Terror, o Estado não se impuseram às leis não-escritas, às normas divinas vigentes desde os tempos mais remotos, imutáveis e inerentes ao homem por todo o sempre. Nos recônditos do Salão, tendo apenas uma tocha a iluminá-lo, o esquife lacrado com o que sobrou do irmão-vítima, e assassino do herói assim reconhecido pelo tirano. Ao lado, como era do seu desejo, o de Antígona, a irmã dos fratricidas.

Antígona.

A bela Labdácida, a filha indômita do altivo Édipo, na qual os mesmos traços fortes, egocêntricos, combativos do pai, se contrapunham a algo divino, radioso, enigmático no modo de ser, de agir. Por devoção emocional à *philia*, impugnou a lei proclamada pelo tirano que condenara o irmão à não sepultura, ao repasto de aves e cães, para enfraquecer o espírito do morto, deixá-lo a vagar sem jamais descer ao Hades. Mesmo consciente de que o seu gesto a levaria à morte, por duas vezes cavara a terra com as próprias mãos para jogá-la sobre o corpo do irmão amado, cumprindo assim um dever fúnebre que decidiu o seu destino trágico. Por essa desmedida, por essa *hýbris*, jazia agora em uma caixa de madeira simples, aberta, ela, uma princesa, *porque belo era repousar ao lado dele, amada por quem sempre e tanto amou*. Apenas por ele estaria disposta a renunciar à vida, confessara à sua irmã.

Os cabelos longos e louros derramados pelo busto não escondiam o azulado do pescoço provocado pelo mortal lenço finíssimo de linho, ao lançar-se no vazio para um vôo sem volta. Sabia estar transgredindo ordens do monarca que a condenara à sepultura, viva, emparedada. Uma princesa, cujo ventre poderia gerar o rei

de Tebas, não renunciaria à continuidade da linhagem pela vontade de um monarca disposto a acabar com a sua dinastia. Ela era livre, e só padeceria com o que lhe parecesse glorioso. Saía da vida para se casar com a morte pelas suas próprias mãos, do jeito de tantas outras mulheres gregas, assim como a sua mãe, uma Labdácida.

A expressão serena no rosto pálido de Antígona provocava dor amarga, pesada como chumbo, naquele cortejo de mulheres que revia a história da heroína, e se enchia de vergonha por omissão de solidariedade, quando elas ainda receavam se contrapor aos maridos, agora amedrontados, a esperá-las em casas aferrolhadas.

A fila interminável pressionava-as, elas permaneciam em transe a olhar aquele rosto, cheias de orgulho pela mulher que ousara desafiar um soberano e seguir impassível para a morte. Não se sabe quem começou primeiro a bater na boca e a fazer um som similar a um murmúrio, quase inaudível, que foi imitado por outra, e outras, e todas as outras, e assim a escala aumentando, aumentando, e o coro formou-se de ulos crescentes, como se elas quisessem ser ouvidas por baixo da terra, nas profundezas do Hades, no Tártaro.

Carpiam a princesa que cumprira o seu destino trágico.

O tirano, ao ouvir os gritos, estremeceu. Tentou localizar de onde vinham aqueles sons. Pareciam se repetir em vários lugares. Identificou um coro mais forte no Salão dos Mortos. Seriam os ecos dos seus gemidos a estrondearem justo ali? Não, eram gritos finos, estridentes, gritos escandalosos de mulher, de carpideiras. Mas elas nunca foram tantas e ele determinara que os rituais fúnebres se dessem à luz do sol alto. O que significava tamanha desobediência?

O filho de Meneceu continuava rei. E o ultraje da desobediência o enfurecia.

Esgueirou-se junto às paredes para aproximar-se dos ruídos sem o risco de ser visto. Do alto da torre havia uma visão ampla do frontispício do palácio. O que ele viu, duvidou, só podia ser alucinação, os deuses continuavam a persegui-lo. Quanto mais os olhos esfregava, mais as imagens se consolidavam: Vaga-lumes em direção ao palácio, vindos de fora e de dentro das Sete Goelas, outros na *Ágora*, centenas entrando no castelo.

O palácio fora invadido pela praga.

A terra ainda nem sorvera o sangue dos mortos, os miasmas já a poluíam.

Ao forçar o foco, ele percebeu que eram mulheres de negro, de tocha na mão, e delas saíam os gritos tenebrosos. Poderia jurar que as cabeças estavam entremeadas de serpentes.

As Erínias, as Fúrias punidoras do sangue parental, certamente comandavam aquelas mulheres e os seus gritos de guerra. Vieram puni-lo pela morte dos filhos, de Eurídice. E a Tebas, pelo sangue dos irmãos derramados.

Grande era a sua parte naquele quinhão de desgraças, a sua *moira*, a *moira* inflexível, imutável, o seu destino.

Não, não era verdade. As ondas negras, quebradas por centelhas que invadiam o reino, não estavam sob o comando das Erínias. Antígona. Antígona sublevara as tebanas para quebrar a ordem estabelecida na sua cidade, para outra vez desafiá-la diante dos seus súditos.

Ela jamais iria vencê-lo.

Onde estava a guarda palaciana? E ele olhou para todas as torres, para as sete entradas da cidade, para as portas do palácio, não havia um único soldado em meio àquele negrume. Todos o haviam abandonado.

O rei estava só.

Os gritos se tornavam cada vez mais próximos, pareciam grasnados de corvo, de abutre. Misturas de passos e uivos vieram das escadas que levavam à torre.

Apenas ele, e aquelas mulheres.